



## ALENQUER, «TERRA DO ESPÍRITO SANTO»

### **PEDRO FOLGADO**

*Câmara Municipal de Alenquer*



Pedro Miguel Ferreira Folgado vive em Carregado, Alenquer. É licenciado em Línguas e Literaturas Modernas. Fez pós-graduações em Gestão Escolar e Gestão de Recursos Humanos. É professor desde 1980, director de uma escola secundária em Alenquer durante 15 anos e simultaneamente conselheiro da Senhora Ministra da Educação entre 2007/2009. Actualmente é Assessor do Presidente da Câmara Municipal de Alenquer para a Cultura e Educação, com responsabilidade na cultura, desporto e turismo. Nesta nova fase da sua vida profissional, ao aceitar o desafio para dinamizar culturalmente o concelho de Alenquer, decidiu investir na revitalização e desenvolvimento de alguns eventos culturais que fazem parte da identidade de Alenquer, como por exemplo as festas do Império do Divino Espírito Santo nos meses de Abril/Maio e os Presépios de Alenquer no mês de Dezembro, entre outros. Quer as primeiras festas quer as outras pertencem ao passado cultural de Alenquer embora as primeiras datem de 1322 instituídas pela Rainha Santa Isabel em Alenquer, donde irradiaram para todo o território Nacional e, com os Descobrimentos, para todo o Império Português.

### Resumo da Comunicação

Origens do culto (abordagem histórica); Referências ao culto em Portugal; Referências ao culto nos Açores; Referências ao culto nos vários países do mundo; Descrição das Festas em Alenquer;  
Convite à participação nas Festas de Alenquer em 2011.  
Apresentação de imagens de Alenquer (imagens das festas e de monumentos).



**Alenquer** é uma vila-sede de município, situada a 35 quilómetros a Norte de Lisboa, a cujo distrito pertence, e está inserida na província da Estremadura.

É conhecida, há muito, como «Presépio de Portugal», devido à sua disposição em encosta, partindo do topo de um outeiro em direcção ao vale por onde corre um rio, cujas águas foram, talvez, o principal elemento de atracção à fixação dos primeiros habitantes.

Foi berço de Pêro de Alenquer, Damião de Góise e de outros homens notáveis. Camões revelou, na obra poética, ter por ela um especial carinho. Predilecta de reis e rainhas, desempenhou um papel preponderante em vários momentos decisivos da história de Portugal. Testemunho de um passado grandioso é o seu riquíssimo património arqueológico, arquitectónico e artístico: sítios pré-históricos e romanos, castelos medievais, conventos, igrejas, ermidas, quintas e casas senhoriais.

Cabeça, há oito séculos, de um vasto concelho – terceiro em área do distrito de Lisboa – limitado a norte pelas faldas da serra do Montejunto e a Sul pela campina do Ribatejo, apresenta uma paisagem característica, de transição entre os outeiros da Estremadura e a planície ribeirinha, onde a vinha é predominante e base ancestral da sua economia. Os seus vinhos são conhecidos e apreciados em várias partes do mundo. A uva de mesa, como a cereja, são, de há muito, referências de qualidade.

\* \* \*

Mas o objectivo central desta nossa comunicação é o de apresentar Alenquer como «Terra do Espírito Santo», no passado e no presente. O nome de Alenquer não vos é estranho, na medida em que a generalidade dos autores o referem, quando se pronunciam sobre as origens do culto, ou, mais concretamente, sobre a origem das Festas do Império.

Os dados são demasiadamente escassos para que se façam afirmações categóricas acerca da introdução e do estabelecimento do culto do Espírito Santo em Portugal.

Se há autores que atribuem aos religiosos Franciscanos essa responsabilidade, outros inclinam-se para que ela tenha sido dos colonos francos que se fixaram na região de Lisboa, no reinado de D. Sancho I.

Rui Pinto de Azevedo, ao apresentar o Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente, cujo texto - cópia feita a partir de um original em latim - anterior a 1234, é o mais antigo do género que se conhece, refere que Braamcamp Freire dera notícia de que tivera conhecimento de outro compromisso mais antigo, o de Santa Maria de Sintra. No traslado deste constava ter o documento original sido exarado em Alenquer, em Março de 1217.

O próprio Rui de Azevedo conclui que «a circunstância de ele ter sido lavrado em Alenquer» o induz «a crer que nesta povoação houvesse sido fundada, em data mais remota, a confraria do Espírito Santo, com estatutos semelhantes aos de Benavente». Diz, aliás, o mesmo autor que «há fortes motivos para supor que as confrarias do Espírito Santo se regularam todas pelos mesmos estatutos».

Em face deste raciocínio, a Confraria do Espírito Santo mais antiga de que há notícia em Portugal seria a de Alenquer.

Em abono desta hipótese temos ainda a fixação dos primeiros frades Franciscanos no país, no ano de 1216, precisamente em Alenquer, graças à protecção da infanta Santa Sancha, ao tempo senhora da vila.

É ainda Rui de Azevedo que nota que as «confrarias de caridade e socorro mútuo criadas por leigos [...] quanto a fins e práticas de beneficência revelam grandes semelhanças com a



Ordem Terceira de S. Francisco».

Deixando de lado as conjecturas, o primeiro documento que positivamente se lhe refere é uma carta da rainha regente D. Beatriz «a tomar em sua guarda e defesa a albergaria do Espírito Santo de Alenquer». Está datado de 18 de Setembro de 1279 e, para além de nos confirmar a sua existência neste ano, mostra-nos que a confraria já tinha agregada uma albergaria, e merecedora da protecção real.

Mas, mais esclarecedor ainda, este documento vem desfazer, em parte, a tradição que localmente se veio a enraizar: a da fundação, envolta em aura milagrosa, de uma Casa do Espírito Santo – Igreja, Confraria e Festas – por iniciativa da Rainha Santa Isabel, no ano de 1321.

Esta tradição encontra-se registada num livro da Câmara de Alenquer, usado entre 1654 e 1672, que existe no seu Arquivo Histórico.

Como aquele, ali se acham transcritos vários outros documentos relacionados com a Casa do Espírito Santo.

Estas transcrições foram feitas pelo escrivão da Câmara, em 22 de Dezembro de 1663, à vista de «um muito velho e antigo livro» então achado «em uma arca onde jazem os papeis e escrituras da vila de Alenquer», e por «mandado e autoridade do juiz e vereadores, para a todo o tempo constar».

Este cuidado em transcrever o que nesse velho livro se achou, permite-nos hoje conhecer textos como o citado, sob o título de «Princípio e fundamento da Casa do Espírito Santo da vila de Alenquer, dado pela Rainha Santa Isabel, mulher de El-Rei D. Dinis, no ano de 1321», o do «Primeiro Compromisso da Casa do Espírito Santo que fizeram os Confrades», o de um «Milagre que aconteceu na Casa do Espírito Santo» e, ainda, um «Outro Milagre», para além de um «Traslado de uns capítulos que estão num livro intitulado *Lenda da Rainha Santa Isabel*».

O primeiro texto, o «Princípio e fundamento...», é uma escritura pública feita por tabelião, e com testemunhas, do tão conhecido *Milagre das Rosas*.

O «Primeiro Compromisso» não está datado, mas é, em tudo, semelhante ao de Benavente.

Os outros «Milagres» passam-se, um no tempo do rei D. Duarte, portanto na década de 1430, e o outro está datado de 5 de Maio de 1543.

Seria interessante abordá-los aqui



Rainha Santa Isabel e D. Dinis. Óleo existente na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra.



todos, se o tempo o permitisse. No entanto, estão publicados pelo historiador alenquerense Luciano Ribeiro, na revista *Damianus A Goes*, anos de 1941 e 1942.

Mas, se tudo parece apontar para uma fundação no princípio do século XIII, por que razão nos aparece, na tradição, a Rainha Santa Isabel como fundadora, um século mais tarde?

Em Alenquer não é caso único. A tradição local atribui-lhe também a fundação da Igreja de Santa Maria de Triana, mas o facto é que esta já era paróquia em 1239.

O grande carisma da Rainha Santa, a circunstância de ter vivido muito tempo em Alenquer, de que foi senhora, e a possibilidade de ter patrocinado obras nos referidos templos, podem explicar o surgimento dessas tradições.

Depois, é consensual, para a generalidade dos autores, que, em Alenquer, por sua iniciativa e de seu marido, se tenham instituído as Festas do Império do Divino Espírito Santo, situando-se as datas apontadas num período de 1295 a 1322.

Esta origem alenquerense do Império é defendida por escritores do século XVII, os mais antigos que se lhe referem, como D. Rodrigo da Cunha, Frei Manuel da Esperança e Frei Francisco Brandão.

O primeiro relata-nos, em 1642, referindo-se a Alenquer: «Ela [Santa Isabel] e el-rei D. Dinis, seu marido, foram os autores da festa que se chama do Espírito Santo, cuja solenidade foi tão célebre por todo o reino, e mais nos maiores e mais populosos lugares dele, como ouvimos contar aos antigos. A que hoje dura em Alenquer tinha a mesma celebridade pelo reino, isto é, eleger-se e constituir-se imperador, que na primeira oitava do Espírito Santo, com majestade real, assistisse aos ofícios divinos, andasse na procissão, condecorasse com sua presença as mesas, honrasse as festas e invenções com que o povo procurava alegrar-se».

Como conta Luciano Ribeiro, «ao lado das cerimónias religiosas, havia festas seculares. Toiradas, jogos de destreza, tais como canas – paródia aos torneios, e argolinhas – espécie de cavalladas a que concorriam reis e nobreza que dos quatro ventos de Portugal acorriam a Alenquer, ao lado da gente da vila e do campo».

Descrições antigas falam de «uma dança ou folia ao uso antigo deste reino» e os toiros, corridos nas toiradas, eram depois abatidos e a carne servida no bodo. Era costume matar-se sete, ou, quando vinham os reis assistir à festa, dez ou doze, que depois eram cozidos em água e vinagre.

\* \* \*

De Alenquer, as Festas Imperiais em Louvor do Divino Espírito Santo rapidamente se espalharam pelas outras povoações da Rainha Santa.

Jaime Cortesão lembra o esplendor com que se realizavam em Leiria, Porto de Mós, Óbidos, Torres Novas e Sintra.

Como referem as autoras do estudo relativo à aldeia do Penedo de Colares, Sintra, onde ainda se realizam, estas festividades «inscrevem-se num vasto âmbito geo-antropológico que, ao longo dos séculos, abrangeu quase todo o território continental e insular [com destaque para os Açores], atingindo mesmo, de forma directa, o Brasil e diversas possessões em África e na Índia; através de várias comunidades de emigrantes, atingiu também os Estados Unidos da América e o Canadá».

Mais ou menos alteradas pela dinâmica de cada local, as Festas do Espírito Santo transformaram-se, assim, em património do mundo.



\* \* \*

Mas voltemos a Alenquer.

Ao mesmo tempo que vinham assistir à Festa, os monarcas continuaram a conceder à Casa do Espírito Santo a sua protecção:

O rei D. Duarte, por volta de 1435, deu licença aos mordomos para trazerem das matas da Ota a lenha e qualquer madeira necessária para o bodo;

Sua mulher, D. Leonor de Aragão, pela mesma altura, encontrando-se em Alenquer, outorgou à Albergaria uma carta de privilégio;

D. Afonso V confirmou, em 1450, a licença dada por D. Duarte relativa à lenha para o bodo e, em 1462, ratificou a carta de sua bisavó, D. Beatriz, tomando «em sua ajuda e defesa a albergaria dessa Confraria com seus homens, herdades e gados».

Com D. Manuel I, na transição dos séculos XV para XVI, deu-se a primeira reforma da assistência pública em Portugal, que teve como consequências, entre outras, a centralização hospitalar e o incentivo à fundação de confrarias de Misericórdia.

Muitas das Casas do Espírito Santo serão então transformadas em Misericórdias.

A de Alenquer escapou à transformação, mas foi também atingida pela reforma, tendo D. Manuel ordenado, em 1517, que a Casa fosse dirigida por um provedor, escrivão e mordomos.

O provedor então escolhido foi Francisco de Macedo, em cuja descendência se manterá a provedoria até à extinção da Confraria.

E porque razão terá a Casa do Espírito Santo de Alenquer escapado à transformação em Misericórdia? Muito provavelmente, pelo prestígio e riqueza de que então gozava, resultantes dos episódios milagrosos que a ela se ligavam, da sucessiva protecção dos monarcas, da importância social dos confrades, e das ofertas que estes lhe faziam.

Um dos confrades, inscrito no ano de 1500, foi Afonso de Albuquerque, mais tarde célebre como governador da Índia, que era de Vila Verde dos Francos, antiga sede de um pequeno município, mais tarde extinto e integrado no de Alenquer.

Outro foi Damião de Góis, o mais notável alenquerense de todos os tempos, que era irmão de Francisco de Macedo, provedor da Casa, já citado.

Damião de Góis terá com a Casa do Espírito Santo de Alenquer uma relação estreita. Confrade desde 1521, quando tinha 19 anos, ali viria a inscrever, em 1549, a mulher, D. Joana de Argem, e os filhos, Manuel, Ambrósio, Rui e Catarina.

Preso pela Inquisição em 1571-72, virá a declarar que, quando estava em Alenquer, ia ouvir missa à Ermida do Espírito Santo, a cuja Casa fez várias ofertas.

Com a entrada do século XVIII, chegava também ao fim o ciclo de «quatro séculos» em que as Festas do Império de Alenquer «foram celebradas com tal riqueza e esplendor que tiveram fama em todo o reino», como conta o historiador local Guilherme Henriques, que adianta que, em 1750, «já tinham perdido muito da sua glória primitiva».

Este declínio, cujas causas terão a ver com sucessivas perdas de rendimentos, atingiu não só as Festas, mas todo o funcionamento da Casa, reflectido também no estado de conservação do seu património.

Em 1705, da leitura de uma carta da rainha D. Catarina para a Câmara de Alenquer, se depreende que, pela decadência do edifício do hospital, era necessário realojar os enfermos pobres, pondo-se então, como hipóteses, transferi-los para o da Misericórdia ou criar um hospital novo.

Por 1730 é a igreja que ameaça ruína, sendo então reedificada.

De 1758 data a mais pormenorizada descrição desses edifícios, integrada nas Memórias Paroquiais:



Consta o edifício da dita casa do Espírito Santo da Igreja, que é de uma só nave, com as paredes vestidas de azulejo de figuras moderno, e o tecto pintado da perspectiva e painéis; e tem três altares em capelas à face da mesma Igreja, que são o altar-mor, da invocação do Espírito Santo, e dois colaterais, que é um da Senhora do Socorro, imagem muito antiga e de grande devoção, e outro da dita Santa [Isabel]. Consta também de umas casas nobres contíguas à mesma Igreja, em que há muitos aposentos, e duas grandes varandas, uma em cima, sustentada em colunas de pedra, e outra em baixo, com arcos de pedraria e pilares de ferro. Em a *loggia* de uma, chamada a Casa do Bodo, há dois *paioís*, em que se põem, separados, a carne e o pão que se benze na véspera do Espírito Santo, para se mandar aos Confrades e pessoas nobres da terra; e na mesma Casa se dá, na primeira oitava da dita festa, de jantar a todos os pobres, homens e mulheres, que concorrem a esta função, que muitas vezes chegam a perto de trezentos.

A invasão francesa de Outubro e Novembro de 1810 provocará graves prejuízos nestes edifícios, o que precipitará o fim da Casa. A igreja sofre bastante dano e o altar-mor fica estragado. As casas contíguas são incendiadas e quase reduzidas a ruínas, perdendo-se o arquivo.

No entanto, só em 1834, por Decreto de 26 de Fevereiro, será oficialmente extinta, sendo os seus bens e rendimentos anexados à Santa Casa da Misericórdia de Alenquer.

As casas nobres foram vendidas a particulares, vindo a servir de fogos para habitação e casas comerciais. No momento actual estão devolutas e muito arruinadas.

A igreja foi renovada pela Santa Casa da Misericórdia, por 1873, com missa mensal. Com a implantação da República, em 1910, foi retirada do culto e arrendada, e durante meio século serviu, sucessivamente, de praça diária e quartel de bombeiros. O culto só viria a ser restabelecido em meados da década de 1960, na sequência de um restauro promovido pela Misericórdia.

O edifício de *loggia* e varanda, conhecido localmente por *Arcada*, esteve também arrendado. Ambos os pisos eram abertos e foram entaipados para poderem ser aproveitados. Em cima, instalou-se, em 1891, a sede de uma filarmónica e assim se manteve até há poucos anos. Em baixo, serviu, dividido, para casas comerciais e armazéns.

Em 19 de Maio de 1945, após longa interrupção, as Festas realizaram-se por mais uma única vez até ao seu recente restauro.

\* \* \*

Há pouco mais de dez anos que, em Alenquer, se começou a falar em restaurá-las.

Um incentivo decisivo, junto do pároco de Alenquer, partiu de D. Manuel Clemente, actual Bispo do Porto, e então Bispo Auxiliar de Lisboa, quando assumiu a responsabilidade pastoral pela região.

Estávamos no ano 2000. O pároco de Alenquer, Padre José Eduardo Martins, fez depender o restauro das festas da recuperação material dos edifícios da antiga Casa do Espírito Santo (Igreja e *Arcada*). Fazia sentido. Com este património degradado e adulterado as festas não teriam a dignidade que se ambicionava. Por coincidência feliz, o pároco era também o provedor da Misericórdia, detentora desses edifícios, tendo um vasto currículo na recuperação do património religioso de Alenquer. As obras iniciaram-se e, em 2006, na perspectiva do seu termo, foi possível idealizar o restauro das festas para o ano seguinte. Assim veio a acontecer, tendo-se para isso constituído uma comissão organizadora composta pelas Paróquias, Misericórdia e Câmara de Alenquer. Mas a intenção não foi, nem simplesmente a de recuperar e reconstituir historicamente as Festas do passado, como manifestação de tipo folclórico, nem torná-las um



evento especificamente religioso, exclusivo da Igreja e da sua comunidade. O que se procurou foi, tentando captar a essência das antigas Festas, concretizá-las em adequação com o presente e, nesse sentido, torná-las um acontecimento aglutinador, capaz de congregar as mais diversas forças vivas do concelho, celebrando tudo aquilo que se faz em prol do bem comum e da dignificação humana, nas artes ou na cultura, no desporto ou no lazer, sob o lema «*O Espírito sopra onde quer!*».

Nesta perspectiva, as renovadas Festas do Espírito Santo assentam sobretudo em três grandes pilares, como descreve Duarte João Ayres d'Oliveira:

Em primeiro lugar elas são eminentemente Festas Pascais e, nesse sentido, não se reduzem ao dia de Pentecostes, embora tenham aí o seu cume, nem se esgotam num único fim-de-semana. Preenchem todo o Tempo Pascal. Inaugurando-se no próprio Domingo da Ressurreição, as Festas marcam presença, sobretudo com eventos de carácter cultural, em todos os demais sete Sábados - com a actuação de Coros na Igreja do Espírito Santo - e Domingos da Páscoa.

Em segundo lugar, as Festas do Espírito Santo procuram valorizar tudo aquilo que de bom se faz no concelho de Alenquer. E, assim, um dos momentos altos das Festas ocorre quando, na chamada “Festa da Solidariedade” – distribuída pelos diversos Domingos do Tempo Pascal –, as dezasseis freguesias do concelho transformam em espectáculo uma autêntica mostra viva do bem-fazer que colectividades, associações, instituições, grupos, e até pessoas individuais, desenvolvem nas suas terras em prol da comunidade local.

O terceiro grande pilar das renovadas Festas do Espírito Santo são as procissões e o bodo. Logo no Domingo de Páscoa, é a Procissão das Insígnias – a coroa e a bandeira – que assinala solenemente o começo das Festas. Na véspera do Pentecostes, a Procissão da Luz ilumina a noite alenquerense, enchendo de beleza as pitorescas ruelas da vila – expressão, afinal, da luz e da beleza do Espírito – e culminando com a celebração da Vigília de Pentecostes. No Domingo de Pentecostes, à Missa segue-se a tradicional Procissão do Espírito Santo que, desembocando justamente no Largo do Espírito Santo, aí termina com o grande Bodo.

No passado era o Bodo oferecido aos pobres. Hoje, é o Bodo oferecido à população inteira e, bem assim, aos forasteiros, suscitando o convívio fraterno próprio de uma refeição, capaz de superar as diferenças de raças, de convicções políticas, de condições sociais, de níveis culturais, e mesmo de credos religiosos, transformando as diferenças em riqueza de diversidade e abrindo o coração ao trabalho do Espírito Santo. Porque, afinal, «*O Espírito sopra onde quer!*».

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Rui Pinto de, «O Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente», *Lusitânia Sacra*, Tomo VI, Lisboa, 1962/63, pp. 7-23.

BRANDÃO, Francisco, *Monarchia Lusitana* (sexta parte), Lisboa, 1672.

CABRAL, Maria Elisabeth Figueiredo Cabral, NUNES, Maria Luísa Abreu, «Contributos para o Estudo das Festividades Populares em Louvor do Divino Espírito Santo do lugar do Penedo (Colares-Sintra)», *Sintria*, I-II (Tomo 1), 1982-1983, pp. 803-1028.

CORTESÃO, Jaime, *História dos Descobrimentos Portugueses*, I, 1979.

CUNHA, Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, Lisboa, 1642.



ESPERANÇA, Manuel da, *Historia Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, I, Lisboa, 1656.

GOMES, João José Fernandes, *Contribuição para um Arquivo Histórico de Alenquer (Relação de Documentos)*, Alenquer, 1989.

HENRIQUES (DA CARNOTA), Guilherme João Carlos, *Inéditos Goesianos, II - O processo na Inquisição*, fac-simile da edição de 1898, Arruda Editora, 2002.

HENRIQUES (DA CARNOTA), Guilherme João Carlos, *A Vila de Alenquer*, fac-simile da edição de 1902, Arruda Editora, 2002.

LOURENÇO, Maria Paula Marçal, «A Casa das Rainhas e a Confraria do Espírito Santo de Alenquer: poderes senhoriais e patrocínio religioso», *Arquipélago*, História, 2ª série, vol. 5, 2001, pp. 651-668.

MARTINS, José Eduardo Ferreira, *Alenquer 1758 - o actual concelho nas memórias paroquiais*, Arruda Editora, 2008.

MELO, António de Oliveira, GUAPO, António Rodrigues, MARTINS, José Eduardo, *O Concelho de Alenquer - Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*, II, Câmara Municipal de Alenquer, Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer, 2.ª edição, 1991.

OLIVEIRA, Duarte João Ayres d', «As Festas do Espírito Santo e o espírito das Festas», *Nova Verdade*, Alenquer, n.º 793, 15 de Maio de 2009, p. 8.

RIBEIRO, Luciano, «Reconstituição das Festas do Espírito-Santo em Alenquer», *Estremadura*, Boletim da Junta de Província, série II, n.º IX, 1945, pp. 163-179.

REGO, Rogério de Figueiroa, «A Casa do Espírito Santo em Alenquer – relação de alguns confrades», *Estremadura*, Boletim da Junta de Província, série II, n.º X, 1945, pp. 355-365.

ROGEIRO, Filipe Soares, *Alenquer - Presépio de Portugal*, Ferraz & Azevedo, Lda., 2005.